

RELAÇÕES SOCIAIS E CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO A PARTIR DO MOVIMENTO NO SERTÃO COLONIAL

ANA PAULA DA CRUZ PEREIRA DE MORAES*

Expectativa sobre o lugar desconhecido

Os sertões brasileiros estão repletos de histórias que envolvem o homem, a natureza, as delimitações e construções do espaço que culminam em disputas e enlances entre os mais variados atores. Dito isto, gostaríamos de destacar o espaço foco do nosso estudo, o Sertão de Piranhas e Piancó, situado no interior da Capitania da Paraíba do Norte, durante o século XVIII.

O que impulsiona a ocupação desse lugar pelos colonizadores? Como se caracteriza esse processo? De que modo os atores interagem com citado lugar? Que práticas e costumes se constituem nesse sertão? De que modo podemos a partir do hoje, chegar até ele em um passado tão rebuscado? Que tensões, acomodações e novas tessituras de relações sociais se formaram no sertão colonial?

Estas são algumas das perguntas que nos acompanham nessa viagem em busca do “coração da terra” paraibano. Usamos este termo a partir de um antigo dicionário do século XVIII, que apresentava o sertão como substantivo que significava “o coração das terras” (SILVA, 1789). De todo modo, é importante pensarmos que a impulsão vem do intuito de alcançar um desejo, ou seja, aquilo que se quer. Portanto, no século XVIII, temporalidade onde as terras dos interiores da América Portuguesa ainda eram um tanto desconhecidas e até imaginadas como os lugares de aberrações, o horizonte de expectativa¹ era extremamente amplo diante do sertão. Isto se dava na Paraíba e em outras partes do Brasil.

O sertão inspirava as novas possibilidades de exploração, de riqueza, de liberdade, de conquistas, de ampliação de bens e propriedades, de conversão de pagãos em novos cristãos e de conquista de novos súditos para a coroa. Assim, nos lugares de oportunidades, muitos homens e mulheres se lançam ao desconhecido, ao tenebroso.

* Professora do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB – Campus Cajazeiras), doutoranda em História Social pela Universidade Federal do Ceará e membro do Grupo de Estudo Espaço e Tempo do Sertão Nordeste (CNPq).

¹ Sobre a noção de horizonte de expectativa e espaço de experiência, cf. KOSELLECK, 2006.

Se pegarmos mapas que tratam sobre sertões e interiores da América Portuguesa, poderemos notar que em alguns estão representados seres aterrorizadores, ora sem cabeça, ora em estados de violência; ou representam desenhos que configuram comunidades, possivelmente indígenas, praticando atos considerados incivilizados para o europeu, como a antropofagia.²

Não é de se estranhar tamanhas distorções ou hiperbolização do real. A construção desses mapas abria espaço para representar hipóteses que eram construídas sobre o desconhecido. Construídas, inclusive, pela presença de relatos fantásticos de viajantes de vários lugares. Devido a uma imensa vontade de encontrar uma descrição do que não se conhecia, estas impressões imaginativas acabavam por ser aceitas por muitos como verdades sobre os perigos existentes nos sertões.

De todo modo, é a paisagem que circunda toda a ação dos colonizadores no processo ocupação do sertão de Piranhas e Painsó e a historiografia existente e que trata sobre esse tema, apesar de terem falado em terras e rios, ainda não colocaram a natureza como agente atuante no desenrolar das tramas que nele se constituíram.

Portanto, o espaço e a natureza até certo tempo, eram coadjuvantes da formação social do sertão. Mas isto vem mudando. Como já sabemos e por isso, não cabe a nós aqui fazer um retrospectiva, os historiadores vem se abrindo a sensibilidade de notar a natureza como ele definidor das práticas humanas nos seus processos de construção do espaço em que vivem, das práticas econômicas, culturais e sociais que o embasa.

A Povoação de Nossa Senhora do Bom Sucesso³, lugar de onde partimos para conhecer o sertão colonial de Piranhas e Painsó, pois, era sede de disseminação de colonizadores para seus interiores e propagação do poder administrativo, não estava apartada dos campos, dos pastos de gado e das matas que até a um certo tempo, ficavam na escrita histórica como elementos coadjuvantes.

Destarte, notamos como elementos ligados a espacialidade e a natureza são importantes para a engrenagem do conhecimento histórico sobre o sertão e no nosso

² Fragmento do mapa intitulado “Nova et Exacta Delineato Americae partis Australis. Que est Brasilia...”. Levinus Hulsius, 1599. Fonte: MICELI (Curad.). O tesouro dos mapas: a cartografia na formação do Brasil. 2002.

³ Cf. Arquivo Histórico Ultramarino, Projeto Resgate, documentos da Capitania da Paraíba, n. 426, cd-room n. 1.

caso, sobre o Sertão de Piranhas e Piancó. O próprio nome do lugar envolve dois rios, o Piranhas e Piancó.

Contatos no sertão e com o sertão

Passado o momento inicial do nosso artigo, onde buscamos lançar mão da idéia sobre o que impulsionava a vinda de colonizadores para o Sertão de Piranhas e Piancó (e tal reflexão será marcante em todo o texto, pois a noção de impulso aqui está ligada a idéia de força que leva a um movimento, deslocamento) vamos pensar como se dava a relação dos sujeitos no sertão e com o sertão.

O nosso estudo é fruto de uma atividade inicial de pesquisa de doutorado, por isso, nossa fala estará voltada para um devir da pesquisa. Baseamos-nos em documentos já compulsados de forma prospectiva e ao mesmo tempo, de nossas leituras e interpretações parciais sobre os mesmos. Podemos categorizar as nossas fontes de estudo em três tipos: documentos cartoriais que são compostos pelos Livros de Notas que, por sua vez, contêm procurações e cartas de alforria; documentos judiciais que são compostos por inventários *post-mortem*; e documentos ultramarinos que são documentos enviados ao Arquivo Histórico Ultramarino e emitidos por esta mesma instituição. Também recorreremos a fragmentos dos relatos de João Antonil (século XVII) e de Henry Koster (início do século XIX)⁴.

Assim, relembremos o que queremos pensar nesse momento: como se relacionavam no sertão e com o sertão de Piranhas, os atores envolvidos no processo de formação desse lugar.

Inicialmente, podemos vislumbrar a presença humana anterior a dos colonizadores, ou seja, a presença dos povos indígenas. Estes eram divididos, basicamente, em três aldeamentos: Panati, Corema e Pega.

[Nas terras do] Piancó [fica a]
Aldea do Panaty, Invocação Sam Jozé é de Tapuyos e Missionario Religiozo de Santa Tereza.
[e a] Aldea do Corima, Inovação Nossa Senhora do Rozario, é de Tapuyos, e o Religiozo, digo, e o Missionario Religiozo Capuchinho.
[Nas terras do rio] Piranhas
[fica a] Aldea do Pega, é de Tapuyos, e está sem Missionário⁵.

⁴ O documentos cartoriais e judiciais estão localizados, respectivamente, no Cartório de 1º Ofício de Notas e Registro de Imóveis “Coronel João Queiroga” e nos arquivos da 1ª Vara do Fórum Promotor Francisco Nelson da Nóbrega, ambos sediados na cidade de Pombal, PB.

⁵ Cf. “Informação Geral da Capitania do Pernambuco”, onde consta a “Relação de Aldeas, que há no

Não é difícil conjecturar que os elementos “disputas” e “tensões” marcavam as relações entre colonizadores e indígenas naquela terra, visto que o sertão não era, como ainda não é, um lugar de muitas terras férteis e de água abundante. Desse modo, ter a posse de um lugar de permanência será de suma importância para manutenção de ambos naquela espacialidade. Então, à medida que os colonizadores adentravam o sertão de Piranhas e Piancó, iam colocando os indígenas em posição de desvantagem, o que levava estes últimos a buscar e a utilizar meios de ação contra os invasores.

Em 1755, os índios Panatis que foram aldeados no sertão do Piancó, entraram em conflito com os moradores que não aceitavam sua presença, chegando até o Capitão Mor José Gomes de Sá a expulsá-los da região. No entanto, os índios recorrem ao Governador da Paraíba que os “mandou para o excellentissimo jeneral [sic] do Pernambuco”⁶ que acabou por ordenar a permanência dos indígenas onde haviam sido aldeados. Essa ordem não foi aceita entre os moradores, e a violência tomou o lugar.

[...] Disto tomarão os moradores
motivo para odeos contra os Índios e maior
mente contra o seu Capp.am Mor por ser
o que aleançou a Restituição da sua
aldeia aqual querião os ditos mora
dores para fazendas de gados [...]⁷

O fragmento de texto acima foi retirado de uma carta produzida pelos indígenas, com o auxílio de Vicente Ferreira Coelho, e enviada a Dom José I. Nela, eles relatam as crueldades feitas contra os indígenas e pediam providência à Coroa.

Além do clima de animosidade, como muitos sertões nordestinos, o sertão de Piranhas e Piancó segue um clima de temperatura que varia em torno de 25°C. Tem um pequeno tempo chuvoso entre o verão e outono, e um maior período, o de seca, que envolve o inverno e a primavera (ANDRADE, 1998, p. 46). Desse modo, para o Sertão de Piranhas iam aqueles que desenvolviam atividades econômicas que não estavam ligadas a terras férteis e de grande chuva. É de senso comum que uma das alternativas

Destricto d’este Governo de Pernambuco e Capitania da Parahiba subgeitos á Junta das Missões d’este Bispado” publicado nos Anais da Biblioteca Nacional de 1906 (BIBLIOTECA NACIONAL, 1906, p. 419).

⁶ Cf. Arquivo Histórico Ultramarino, Projeto Resgate, documentos da Capitania da Paraíba, n. 1435, cd-room n. 2.

⁷ Cf. Arquivo Histórico Ultramarino, Projeto Resgate, documentos da Capitania da Paraíba, n. 1435, cd-room n. 2.

mais buscadas era a criação de gado extensivo que, por sua vez, exigia grandes quantidades de terra (ARAÚJO, 2000).

Assim, clima, chuva, terra e agroeconomia, marcam as relações sociais e econômicas no lugar e com o lugar. O seu porte de vida é típico do que vamos chamar de “cultura do movimento”. É esta cultura, um dos traços marcantes das vivências e práticas sertanejas.

Era o colonizador que caminhava em busca de novas terras; eram os indígenas que sofriam os impactos dessas chegadas; era o vaqueiro que levava o gado para os serrotes ou para as terras do São Francisco; era o viajante que percorria as veredas do sertão para fazer comércio ou apenas para chegar a outros lugares; era o caminhar cotidiano em busca da água nas cacimbas.

No início do século XVIII, Antonil (1982 [1711], p. 202) registrou o seguinte relato sobre a condução do gado nos sertões nordestinos: “Guiam-se indo uns adiante cantando, para serem desta sorte seguidos do gado, e outros vêm atrás das reses, tangendo-as, e tendo cuidado que não saiam do caminho e se amontoem”. Quem são esses outros? Provavelmente os “fábricas”, homens que serviam de assistente de vaqueiros, que poderiam ser indígenas, negros libertos ou não e homens brancos de situação econômica mais humilde. Desse modo, na cultura do movimento, aqui baseada no tanger do boi, brancos, negros e indígenas tecem suas relações de forma que não havia um destaque das diferenças entre eles.

Acreditamos que do mesmo jeito que o “deslocar-se” exigia o uso da pólvora e das armas, também estimulava o diálogo e a aproximação entre os diferentes membros das hierarquias sociais, bem como entre as diferentes matrizes étnicas culturais.

As viagens pelo sertão poderiam se dar até ao anoitecer. Nesse momento, a cultura do movimento se apresenta materializada também na hospitalidade dos sertanejos, fossem eles ricos ou pobres. Só para termos uma idéia, podemos mencionar os relatos de Henry Koster (2003 [1816]), que em suas andanças pelos sertões do Nordeste, nos finzinhos do período colonial, lá pela primeira década do século XIX, dá algumas impressões da recepção dada aos viajantes nesses lugares ermos do “sertão bravo”, quando viajava na direção do Ceará: “Perto das cinco horas, parei junto a uma choupana onde encontrei dois meninos, de aparência lastimosa, mas parecendo

contentes em poder oferecer-me abrigo para a noite” (KOSTER, 2003 [1816], p. 193). Em outro momento, também em viagem pelo sertão, escreveu:

“O dono da fazenda Ilha mandou dizer-me que desejava que me hospedasse em sua residência, deixando a casa arredada onde me abrigava para passar a noite. Aceitei o convite. Era uma casa de taipa, coberta de telhas e o material de construção fora retirado das margens de uma lagoa salgada nas vizinhanças. Deu-nos grande quantidade de leite e de carne-seca. Havia escassez de farinha, mas era esperada abundante colheita esse ano. Imediatamente após minha entrada em sua casa, ofereceu-me, a rede em que estava, mas fiz armar a minha e, sentando-me, passamos muito tempo fumando e conversando” (KOSTER, 2003 [1816], p. 197).

Assim, percebemos a simplicidade que, tanto entre os mais ricos, que oferecem a rede, objeto de descanso e que aconchegava as conversas; como entre os mais pobres, que acabavam comendo da comida do viajante, havia um ritual de acolhimento através do oferecimento de refúgio aos andarilhos. Nessa intromissão, consentida ao forasteiro, no espaço privado doméstico do hospedeiro, observamos um conjunto de “ritos de civilidade” que faziam parte do pernoite: oferecer a própria rede, sentar-se nelas para conversar e fumar, oferecer a comida que tinha na casa. Tudo isso poderia fazer parte desse universo de movimento dos viajantes e aventureiros que adentravam pelos sertões do Norte e Nordeste, do mesmo modo que fazia parte dos caminhantes que percorriam os espaços do Brasil Centro-Sul (MELLO E SOUZA, 1997, p. 65-67).

Todavia, em um tempo muito mais recuado que o da experiência de Koster pelos sertões do Nordeste, vemos outros andarilhos. Estes procuravam expandir seus domínios sobre vastas terras. Entre eles, destacavam-se os desbravadores da Casa da Torre que atingiram o sertão de que tratamos em fins do século XVII, seguindo as trilhas do gado que se difundiam a partir do Rio São Francisco. “[...] a Casa da Torre, que sempre funcionara como bastião militar, possuía 28 propriedades arrendadas, só no vale do Piancó, Piranhas de Cima e Rio de Peixe, na Paraíba, além de dominar uma extensão de 260 léguas de testada na Capitania de Pernambuco” (BANDEIRA, 2000, p. 197).

Esse sertão vinha a ser, dessa forma, economicamente viabilizado pela expansão do gado. “Muito ao contrário do que ocorria com a açucareira, a economia criatória não dependia de gastos monetários no processo de reposição do capital e de expansão da capacidade produtiva”. Assim, era algo muito atrativo, pois não exigia grandes investimentos financeiros e o “capital se repunha automaticamente” (FURTADO, 2007,

p. 102). Nascendo como uma cultura econômica complementar à cultura açucareira, fornecendo carne e animais de tiro, aos poucos foi crescendo e ganhando espaço nas teias comerciais, inclusive no mundo atlântico⁸.

Amostra de uma prática metodológica de pesquisa

Portanto, a paisagem sertaneja está envolta em um emaranhado complexo de cultura material, usos da natureza e práticas de relações sociais. É nesse amálgama, que nos colocamos como trabalhadores da história, para iniciar uma viagem de busca ao passado e suas múltiplas faces e temporalidades.

Muito do século XVIII, em relação a documentação, por exemplo, se perdeu. Mas nem por isso, o historiador deve desanimar para escrever uma história do sertão, especialmente, na temporalidade do dezoito. Além de utilizar registros remanescentes de categoria primária, é possível vislumbrar, ainda nos dias de hoje, alguns traços culturais como as formas de lida com a terra e como a prática de criação do gado que ainda sobrevivem com aspectos coloniais. Esses rastros que nos remetem a um estado de permanência de práticas através dos tempos, nos permitem, no decorrer da pesquisa, abrir portas que nos conduzam a conhecer vestígios dos hábitos dos sertanejos do século XVIII.

O ato de tanger o gado e de aboiar⁹, que já foi mencionada neste artigo, são exemplos de práticas que persistem, mas também aspectos do comportamento social e mental do sertanejo do século XVIII são possíveis de serem notados nos dias de hoje, como o exercício da solidariedade e hospitalidade para com os viajantes, a configuração de habitações com mobiliário escasso, a utilização do couro para confecção de utensílios variados, a preferência pela rede como objeto de apoio para práticas de sociabilidade, descanso e alimentação¹⁰.

Este processo de encontro do presente com o passado é uma das chaves de construção de uma narrativa histórica sobre os sertões e, no nosso caso, sobre o Sertão de Piranhas e Piancó. Todavia, seria muito limitado não buscarmos outros caminhos. E

⁸ Sobre o mercado atlântico que toca a economia da criação de gado, cf. ALENCASTRO, 2000, p. 252.

⁹ Segundo o dicionário Houaiss de Língua Portuguesa (2001), “aboiar” significa “conduzir (gado), entoando canto plangente ou soltando brados fortes e compassados”.

¹⁰ Sobre hábitos e costumes do sertanejo do “nordeste” brasileiro, cf. CASCUDO, 2003 [1957]; 1965 [1957].

destes podemos destacar o estudo micro-analítico de sujeitos que vão surgindo no decorrer da leitura de documentos coloniais sertanejos. Portanto, acompanhamos a idéia de explorar técnicas de aproximação do espaço sertão, de modo que possamos perceber a ação dos atores nas mais variadas experiências da sua cotidianidade.

O Sertão de Piranhas e Piancó, como todo lugar ermo e que, no início do século XVIII, era também ainda uma terra a se conhecer melhor, era um espaço de possibilidades, inclusive de transmutação dos sujeitos e da natureza. Não que os centros de emanção de poder não permitissem essas transformações; a questão é que os lugares distantes abrem meios para isto e, quando se fala de um sertão criatório onde um vaqueiro tinha participação na “coartação do gado” e, por isso, tinha as ferramentas para se tornar dono de currais, estas possibilidades de transmutação ainda se tornavam mais consistentes.

Diante do exposto, gostaríamos de mencionar Maria do Ó. Ela era uma mulher negra e liberta que surgiu para nós a partir de uma procuração¹¹ outorgada no ano de 1738 na Povoação de Nossa Senhora do Bom Sucesso¹², a homens importantes de seu tempo, pois os seus bastantes procuradores Francisco Gaya da Rocha, João dos Santos e Sousa e Manoel Martins Vianna eram homens letrados e aparecem outros registros cartorários do dezoito naquele lugar.

A nossa pesquisa está em fase inicial, portanto, acreditamos que Maria do Ó poderá aparecer em outras fontes através de diferentes momentos de sua vida. Só o desenrolar do nosso trabalho dirá, todavia a partir do que está posto, não podemos deixar de fazer algumas considerações sobre nossas impressões em relação a idéia de espaço e sujeito.

Observemos que essa mulher carregava consigo marcas indeléveis: o fato de ser mulher, negra e alforriada, ou seja, liberta. A partir da outorga da procuração, supomos que ela tinha bens a serem administrados e que estes foram conquistados no decorrer de sua vida e, de certo, com muito esforço. Ela conseguiu o que muitos buscavam quando se dirigiam ao sertão: mobilidade e ascensão social. Ela agora não era mais uma

¹¹ Cf. Livro de Nota 1738 – 1740: “Procuração bastante que faz Maria do O, crioula forra”.

¹² A Povoação de Nossa Senhora do Bom Sucesso era a sede da administração do Sertão de Piranhas, por isso, seu principal centro de habitação e poder. Hoje é conhecida como a cidade de Pombal-PB.

propriedade de um senhor, era detentora de seus próprios bens. Sua vida sofreu uma guinada, uma transformação marcante.

Ela conseguiu tecer o Sertão de Piranhas e Piancó para si, do modo e forma que necessitava¹³. O ambiente de caatinga e de costumes curraleiros, acostumados a mudanças, mobilidades e movimento, possibilitavam esse “moldar” o ambiente ao habitante e ao mesmo tempo, modelar o habitante de acordo com o lugar de vivência. Destarte, era natureza que se moldava ao homem e também o transformava.

Como já deixamos entrever, o presente trabalho é tem a pretensão apresentar uma amostra do nosso trabalho teórico e empírico de pesquisa, que por sua vez, busca aliar os vieses da história social do sertão¹⁴, o uso técnico da microanálise e a sensibilidade da história ambiental.

Os rios Piranhas e Piancó, por exemplo, têm papel importante aspectos da formação do sertão estudado por nós, visto que, no século XVIII, os documentos de concessão de terras tinham como referência as ribeiras desses rios. Poderíamos chamar esse sertão de “sertão das ribeiras” do rio Piranhas e Piancó. Portanto, temos muito ainda a aprofundar para em nosso estudo para conhecer os caminhos do Sertão de Piranhas e Piancó.

Desta maneira, junto com os rios, tantos outros sujeitos “anônimos”, com nome próprio e experiências individuais e coletivas poderão atuar em uma história do Sertão de Piranhas e Piancó, assim como tantos outros atores representaram suas ações em vários sertões da América Portuguesa.

Referência Bibliográfica

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O trato dos viventes**: formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ANDRADE, Manoel C. de. **A terra e o homem**: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. 6. ed. Recife, PE: UFPE, 1998.

ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982 [1711]. (Reconquista do Brasil, 70).

ARAÚJO, E. Tão vasto, tão ermo, tão longe: o sertão e o sertanejo nos tempos coloniais. In: PRIORE, M. Del. **Revisão do Paraíso**: os brasileiros e o Estado em 500 anos de história. Rio de Janeiro: Campus, 2000. p. 45-91.

¹³ Sobre a noção de sertão enquanto espaço construído, cf. FERRAZ, BARBOSA, 2005.

¹⁴ Sobre a postura da história social do sertão, cf. LEONARDI, 1996.

- BANDEIRA, Luiz Alberto Muniz. **O feudo: a Casa da Torre de Garcia D'Ávila: da conquista dos sertões à independência do Brasil.** Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2000.
- CASCUDO, Luís Camara. **Rede de dormir: uma pesquisa etnográfica.** São Paulo: Global, 2003 [1957].
- CASCUDO, Luís Camara. **Tradições populares da pecuária nordestina.** Rio de Janeiro: Senado Federal, 1965 [1957]. (Documentário da vida rural, 9).
- FERRAZ, Socorro.; BARBOSA, Bartira. **Sertão: um espaço construído.** Salamanca [Espanha]: CEB; Fundação Cultural Hispano Brasileira, 2005.
- FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil.** 34. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- KOSELLECK, R. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos.** Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. Puc-Rio, 2006.
- KOSTER, Henry. **Viagens ao Nordeste do Brasil.** Tradução de Luís da Câmara Cascudo. 12. ed. Rio de Janeiro - São Paulo - Fortaleza: ABC Editora, v. 1, 2003 [1816].
- LEONARDI, Victor. **Entre árvores e esquecimento: história social nos sertões do Brasil.** Brasília, DF: Paralelo 15, 1996.
- MELLO E SOUZA, Laura (org.). **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997. (História da vida privada no Brasil; 1).
- MICELI, P. **O Tesouro dos Mapas: a cartografia na formação do Brasil.** São Paulo: Instituto Banco Santos, 2002.
- SILVA, Antônio de Moraes. **Diccionario da lingua portugueza: composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro.** Lisboa [Portugal]: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.